

XIII Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC

Políticas públicas educacionais: o que esperar para o pós-pandemia?



ANTÓNIO NÓVOA E A METAMORFOSE NA EDUCAÇÃO: ASPECTOS FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Marlon Junior Pellenz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

...
Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

Os diferentes saberes estão em pauta de muitas discussões seja no campo da política ou mesmo na educação. Ao meu ver isso é algo positivo pela visibilidade que esse assunto ganha. Os saberes que os denomino “velhos”, no sentido de que são antigos temporalmente, mas, no que Nóvoa vem a tratar, não são retrógrados e não há sentido em excluí-los das formações educativas. Assunto que vamos tratar no que ele denomina de simplicidade e comum. Na outra parte dessa dicotomia, há discussões sobre os novos saberes, especialmente da área da tecnologia e informática que adentra todos os espaços de nossa vida trazendo significativa mudança social. Sendo assim, no desdobramento desse texto, refletirei sobre esses dois aspectos que estarão infundidos nas discussões acerca das formações docentes e suas implicações para a práxis pedagógica.

António Sampaio Nóvoa é professor universitário português, doutor em Ciências da Educação e História Moderna e Contemporânea, professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e reitor honorário da mesma universidade. É um escritor renomado e muito estudado no Brasil em formações pedagógicas e, destaca-se no que principia a formação docente.

Nóvoa tem a concepção de que a formação docente ocorre em diferentes âmbitos. Parte da premissa da formação inicial, indispensável para o ingresso na profissão docente. A partir daí, o docente convive com seus pares e também com os discentes, com os quais muitas aprendizagens decorrem, sendo esta outra forma de estar em formação contínua. Além destas, a formação continuada desencadeia discussões, encontros e possibilidades de estudo acerca da prática educativa. Cada uma das formações tende a orientar a prática educativa, bem como são constituidoras da *identidade* do professor. Isso significa que, “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma nova personalidade docente” (NÓVOA, 1995, p. 24).

No livro “O Tempo dos Professores” (NÓVOA, 1987), o autor aborda três maneiras da criança aprender na escola e do professor ensinar, assim vemos:

- ❖ AUTONOMIA
- ❖ PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM
- ❖ DIFERENCIAÇÃO

Hoje em dia temos a capacidade de personalizar a educação conforme cada realidade específica, bem como temos, por exemplo, os laboratórios farmacêuticos que formulam e fabricam o medicamento de acordo com as necessidades do paciente. Me pergunto, porque a educação insiste em tratar o mesmo modelo educacional para todos sem distinção de lugar, cultura ou mesmo situação? Para isso concordo no que tange a diferenciação que o autor coloca no terceiro ponto.

A escola é o lugar onde a finalidade principal é *formar pessoas* através do conhecimento. Por isso precisa haver autonomia. Não há educação sem conhecimento. É necessária uma pedagogia do trabalho. Não do que conhecemos sobre a trabalho no sentido industrial, para se obter um capital, mas, de um trabalho que incite o aluno a interação, a criação, cooperação, curiosidade entre outras coisas. É o que ele menciona sobre a personalização da aprendizagem. Mas de que modo podemos fazer isso? Algo importante é manter o que é comum, simples e lúdico. Porque? Neste momento de transição do modelo de escola tradicional para a tecnológica, o desafio da formação de professores é o combate político e profissional de construir uma *posição* como profissional docente (NÓVOA, 2017). Não é negar as novas ferramentas tecnológicas, mas, diante da experiência significativa daquilo que já temos, devemos continuar a fazer o que é eficaz, como por exemplo a roda, o diálogo, a brincadeira pedagógica lúdica, o ensino de campo, os ensinamentos práticos como nas hortas da escola, entre outras.

É preciso tomar partido de sua conduta, de resistir, dialogar, compartilhar com os demais docentes para sempre aperfeiçoar as práticas pedagógicas. É um jeito simples, sociável e indutivo, que, certamente contribui muito no que diz respeito à formação do professor.

Tornar-se professor – para nos servirmos do célebre título de Carl Rogers, *Tornar-se pessoa* – obriga a refletir sobre as dimensões pessoais, mas também sobre as dimensões coletivas do professorado. Não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores (NÓVOA, 2019, p. 6, grifo do autor).

Existem várias escolas que através de revisões do modelo pedagógico, transformaram o modelo de lecionar modificando a sala de aula, onde não mais os alunos interagem um de costado para o outro, mas sim, em uma dinâmica diferenciada dentro de sala. Há situações em que mais de um professor interage pelo meio dos alunos fazendo com que a dinâmica seja receptora e interativa a fim de que a *curiosidade* seja criada naturalmente no aluno pelos assuntos estudados.

O filósofo francês Michel Serres evidencia que estamos vivenciando o que é a chamada “terceira revolução histórica da humanidade”, como forma de pensar. Segundo ele, a primeira foi a da escrita, a segunda da criação da imprensa (do livro) e a terceira, da qual estamos inseridos, é a digital (SERRES, 2015, p. 256). Nós, professores, focamos somente no que as inovações tecnológicas nos apresentam nas mídias de forma tão exuberante e revolucionária. Ficamos, de certo modo, até entristecidos pelo fato de toda essa tecnologia estar muito distante de chegar em nossa realidade local pelos fatores que bem sabemos. Sem investimento, não se tem educação de qualidade. A questão é, como fazer diferente a partir da minha realidade? Através dos aspectos culturais que eu tenho disponível. Do jeito simples, buscando novas maneiras de interagir tanto com os alunos quanto para com os professores trabalhando a interdisciplinaridade em conjunto é uma forma. Nóvoa diz que precisamos trabalhar em comum com tanta diversidade para instalar um diálogo e um compromisso eficaz. O comum é tudo o que nos resta neste século XXI, por isso não podemos perder essa qualidade de tamanha importância. Não podemos deixar que a tecnologia nos distancie do contato físico e pessoal. Precisamos que as interações não sejam somente virtuais. Sendo assim, a formação de professores deve se basear na simplicidade, na maneira de lecionar com uma posição adotada como forma de valorização e compromisso para com a profissão. A formação deve nos preparar para agir.

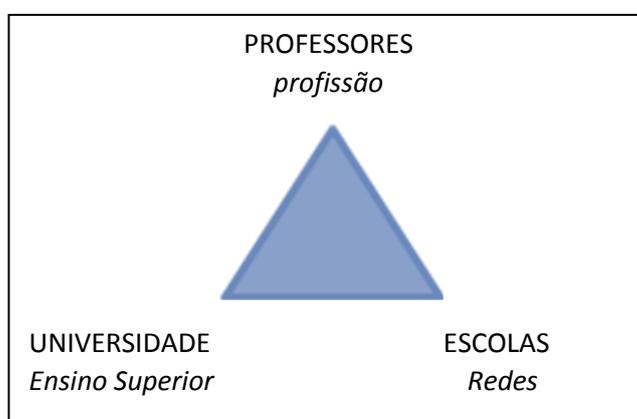
A escola está em uma metamorfose, e precisa encontrar sua identidade para avançar. Neste sentido, Nóvoa comenta que:

Do mesmo modo que a metamorfose da escola implica a criação de um *novo ambiente educativo* (uma diversidade de espaços, práticas de cooperação e de trabalho em comum, relações próximas entre o estudo, a pesquisa e o conhecimento), também a mudança na formação de professores implica a criação de um *novo ambiente para a formação profissional docente*.

Fazer essa afirmação é reconhecer, de imediato, que os ambientes que existem nas universidades (no caso das licenciaturas) ou nas escolas (no caso da formação continuada) não são propícios à formação dos professores no século XXI. Precisamos reconstruir esses ambientes, tendo sempre como orientação que o lugar da formação é o lugar da profissão (NÓVOA, 2019, p. 7, grifo do autor).

Neste sentido é necessário fazer acontecer essa metamorfose para que a partir dessa mudança de espaços físicos e estruturais da escola, novos conhecimentos e estratégias possam vigorar para uma formação relação mais próximas entre o estudo, pesquisa e conhecimento. Nesses espaços sim, mediante as novas tecnologias que a escola puder obter, sim, serão agregadoras. É uma mescla útil do que se tem e do que vem.

No que concerne a metamorfose da educação pública, esses elementos que o autor apresenta abaixo, na sua particularidade são muito importantes individualmente, porém, no conjunto dos três e na sua articulação conjunta é que surtirá melhores efeitos para atender aos novos desafios atuais.



Na análise do autor sobre esses três elementos acima do triângulo, percebemos que o elemento profissão não é tão comum ao que condiz às formações continuadas, visto que, geralmente o aluno se forma na faculdade, e posteriormente exerce na prática o que aprendeu no local de trabalho, ou escola. A profissão, como um elemento importante para o processo de formação continuada é novo, porque? Justamente porque Nóvoa chama de formação-profissão, no sentido que:

Para escapar a essa oposição inútil e improdutiva, precisamos encontrar um terceiro termo, a *profissão*, e perceber que é nele que está o potencial formador, desde que haja uma relação fecunda entre os três vértices do triângulo. É neste entrelaçamento que ganha força uma *formação profissional*, no sentido mais amplo do termo, a formação para uma profissão (NÓVOA, 2019, p. 7, grifo do autor).

Podemos entender que esse elemento crucial para o triângulo reforça o sentido do professorado como um todo. Mais do que somente ter o diploma e a prática, é preciso estudar e aperfeiçoar a sua profissão para bem exercê-la. O estudo da profissão em si, que

trazemos para a formação de professores, podemos ter como exemplo, a medicina, a engenharia que já fazem uso desse elemento da profissão, percebemos o quanto estamos atrasados nesse sentido.

Devemos ter um cuidado especial para com o privado ou mesmo aqueles profissionais que oferecem formações prontas e fechadas em si. Reflito nesse cuidado, visto que, muitas vezes, não acreditamos nas capacidades dos colegas que temos em nosso círculo, que conhecem a realidade, que podem contribuir para as formações e trazer elementos muito mais profícuos para o grupo. Esses especialistas muitas vezes montam seu espetáculo frente aos professores, trazem conceitos, novas tecnologias que, muitas vezes nada agregam à realidade e fica somente o sonho de viver as ideias daquele profissional de fora, distante da realidade em que me encontro.

No meio de muitas dúvidas e hesitações, há uma certeza que nos orienta: a *metamorfose da escola* acontece sempre que os professores se juntam em coletivo para pensarem o trabalho, para construir práticas pedagógicas diferentes, para responderem aos desafios colocados pelo fim do modelo escolar. A formação continuada não deve dispensar nenhum contributo que venha de fora, sobretudo o apoio dos universitários e dos grupos de pesquisa, mas é no lugar da escola que ela se define, enriquece-se e, assim, pode cumprir o seu papel no desenvolvimento profissional dos professores (NÓVOA, 2019, p. 11, grifo do autor).

Concluindo, percebe-se que essa metamorfose está acontecendo aos poucos em nossos locais de trabalho, pois, é ali que deve acontecer. Mesclando o comum e o simples com o físico e as novas tecnologias, na interação entre os colegas, e sendo mais rigorosos com a profissionalidade de nossos educadores, a educação terá uma transformação mais harmoniosa. Não abandonemos o velho e não tenhamos medo do novo. Viva a metamorfose.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Metamorfose, Profissionalização, Formação.

REFERÊNCIAS:

NÓVOA, A. **Desafios do trabalho e formação docente no século XXI**. Palestra proferida dia 31 de maio de 2017 na cidade de Novo Hamburgo/RS. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sYizAm-j1rM>>. Acesso em: 29 Jan. 2020.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000300402
>Acesso em: 16 Abr. 2021.

SERRES, Michel. **Educação e Contemporaneidade em Michel Serres**. Entrevista cedida a Maria Emanuela E. dos Santos. UNICAMP. Diverso e Prosa. Pro-Posições, Vol 26, núm. 1(76). Jan-Apr 2015. P. 239-257. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/i/2015.v26n1/>>. Acesso em: 07 Jun. 2021.